

António Rosa Mendes o historiador do Algarve ignorado

José Carlos Vilhena Mesquita

Há notícias que nos ferem a alma, pela brutalidade com que negativamente nos surpreendem. A morte inesperada de um amigo, que nos chega de forma fortuita e repentina, deixa-nos a angústia da imprevisibilidade e da impermanência da vida. A



António Rosa Mendes, em público

morte do meu amigo António Rosa Mendes apanhou-me sinceramente desprevenido. Ignorava que estivesse doente e muito menos que se encontrasse internado há mais de um mês no Hospital de Faro. A vida tem disto, apesar de amigos e colegas, nada sabia sobre o seu estado de saúde. Tenho ultimamente uma vida muito recatada, longe do convívio público, estritamente restringida às atividades profissionais. Por isso fiquei atónito com a notícia da morte do António, que ainda há pouco tempo me havia informado sobre o tema que escolhera para defender nas suas Provas de Agregação, cuja data de apresentação se previa para esta primavera.

As grandes amizades, verdadeiras e saudáveis, desinteressadas de mesquinhos egoísmos e desprovidas de vaidades, nascem nos verdes anos e prolongam-se pela vida fora. A escola é o seu cadinho natural. Conhecemo-nos durante o chamado PREC, quando frequentávamos os bancos da universidade. Vínhamos ambos com o mesmo percurso, desiludidos com o Direito, ambicionando

maior justiça social para um povo submisso e afável, que durante meio século de ditadura se havia distanciado das referências democráticas do mundo livre. Eramos jovens e ávidos de compreender o nosso tempo. Por isso escolhemos ambos o curso de História.

Naquela altura o António já se distinguiu da generalidade dos colegas pela sua cultura literária e pela experiência das suas viagens, realizadas na sua Renault 4L, de cor azul, que o levava pelos caminhos da Europa a desbravar novas rotas e desafios. Adquiriu por isso um conhecimento mais concreto da realidade socioeconómica do nosso país, além de apurar o sentido humanista que inspirava a sua personalidade, a sua formação ética e cultural. Não admira, por isso, que já então evidenciasse fortes propensões para a política ativa, sustentando ideias da esquerda libertária. Nisso éramos diametralmente opostos. Eu nunca tive ambições políticas e sempre defendi posições mais tolerantes, sem sujeições ideológicas nem religiosas.

Embora já não me lembre bem, creio que o António militava no MRPP ou num daqueles partidos revolucionários de fraca expressão eleitoral. Nesse tempo havia vários grupos maoístas e radicais de esquerda, que se juntavam nas lutas estudantis, com alguma relutância. Lembro-me que o grupo do António tinha um asco visceral ao PCP. E com ele estavam vários jovens que são hoje notáveis políticos do PSD, como é o

caso de Durão Barroso ou de Miguel Relvas. Outros já abandonaram a política e são agora diretores de bancos, de empresas estatais e de multinacionais famosas.

Recordo-me, nesse tempo, de ver o António à porta dos mercados, segurando as pontas de uma enorme bandeira vermelha, pintada com a estrela maoísta, a foice e o martelo em cintilante dourado, pendida como um lençol nas mãos de quatro rapazes de boina vermelha, em cujo centro se acumulavam umas moedas. Eram os peditórios públicos, nos quais o António, de megafone na boca, discursava às massas, alertando para a urgência da revolução popular. No braço esquerdo pendiam-lhe alguns exemplares do jornal revolucionário «Lutar no mar, lutar em terra», cuja lavra era quase toda da sua eloquente autoria. Muitos anos depois, mais de uma trintena, costumávamos lembrar esses tempos com saudade e boa disposição.

Desses tempos de estúrdia revolucionária, havia sempre uma história cómica, um dito jocoso, um episódio hilariante, que ele contava com uma ironia muito peculiar. Apesar da sua aparente frieza, o António era um homem de aprimorado sentido de humor e muito expressivo nas suas qualidades coloquiais. Numa conversa tomava rapidamente as rédeas do pensamento e desarmava qualquer interlocutor com um dito chistoso, uma chalaça ou um sardónico remoque. Não ofendia



Na «Rádio Gilão», num debate sobre o 25 de abril, com o Cor. Nuno Pereira da Silva, Com. do Regto de Infantaria Nº1; André Guerreiro, moderador do programa; Luís Guerreiro e Rosa Mendes

nem insultava ninguém, mantinha-se nos limites da estribeira, até que largava algum epíteto irónico-pejorativo com que classificava o seu oponente. Com sarcástico arresto desmistificava logo o assunto e arrumava o tema em discussão. Era como se fosse uma sentença, o caso estava encerrado.

Na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa conhecemos grandes professores, dos quais nos tornamos amigos para a vida inteira. Alguns foram comuns a ambos, como Alberto Ferreira, João Medina, António Borges Coelho e José Manuel Tengarrinha. Outros tornaram-se em amizades posteriores, como Joaquim Romero Magalhães e José Matoso. O que mais importa é que lhes devemos muito e nunca lhes poderemos retribuir tudo o que nos legaram, em sabedoria, ilustração e carácter.



Rosa Mendes conferencista

Na universidade frequentámos quase as mesmas cadeiras, porque sempre tivemos interesses culturais muito parecidos. Mas a determinada altura o António sofreu um grande desgosto, morreu-lhe o pai e isso provocou-lhe uma forte depressão nervosa. Lembro-me que sofreu imenso para superar a amargura da perda. Voltaria só no ano seguinte, recomposto e conformado, disposto a retomar a vida. Tinha bom aspeto, adquiriu peso, vestia-se melhor, e até as

olheiras, tão peculiares na genética sulina, pareciam ter desaparecido. O António estava remoçado, como sói dizer-se nas bandas do Guadiana. Mas manda a verdade salientar que o António sempre foi senhor de uma bela planta física, magro, alto, olhos agarenos e sorriso discreto, uma figura que pontuava onde quer que estivesse. Tinha um esgar trocista, comedido e controlado. Raramente o “ouvi” a rir. Era preciso contar-lhe uma boa anedota, de picaresco sentido político, ou de contraditória eloquência cultural, para o fazer gargalhar. Lembro-me de o ter feito rir às bandeiras despregadas quando lhe contei a história do Unamuno e quem escreveu o D. Quixote. Como ele não era capaz de a reproduzir ao detalhe, às vezes em reunião de amigos pedia-me que a contasse novamente.



O peculiar sorriso sarcástico

Em boa verdade, o António só tinha um defeito: o maldito tabaco. Fumava imenso. Quando éramos estudantes comprava o «Português Suave» (que nessa altura não tinha filtro), e às vezes usava o tabaco de onça, mas depois tornou-se adepto dos «Negritos», que eram cigarros de papel escuro. Naquela altura, fumávamos o que fosse mais barato. Recordo-me de ambos fumarmos o «SG ventil», que já no tempo das vacas gordas” trocamos pelo «Marlboro», ainda sem caixa. Quando fui para a Torre do Tombo deixei de fumar. E só anos depois é que reparei que ele estava “agarrado” às cigarrilhas, dependência que nunca mais largou... até ao fim.

Quando acabamos os nossos cursos, em 1981, já éramos professores do ensino secundário. Em 1983 fui para a Universidade do Algarve a convite pessoal do Prof. Manuel Gomes Guerreiro, e só nos reencontrávamos nos eventos culturais ou acidentalmente em Lisboa. Mas íamos sabendo dos sucessos de cada um através dos jornais. O António além de um exímio orador era colaborador assíduo da imprensa regional, um colunista de opinião esclarecida que depressa se tornaria numa voz de referência pela forma como pugnava pelos interesses do Algarve. Os seus artigos semanais no «Jornal do Algarve» (que mais tarde haveria de compilar em livro) depressa consagrariam o nome de Rosa Mendes como o de uma personalidade íntegra, eticamente à prova de bala, que desdenhava dos poderes instalados e



O poeta Fernando Cabrita e Rosa Mendes, dois grandes e inseparáveis amigos

ridicularizava a pomposidade balofa dos nossos políticos. A sua verve queirosiana era demolidora, temperada nos acintes e nas jocosas contumácias com que ridicularizava os alvos da sua obstinada crítica.

Nunca estivemos zangados, nem de “candeias às avessas”. Vivíamos separados a curta distância, eu em

Faro e ele em Vila Real de Santo António, mas estávamos muito atentos ao que ambos fazíamos em prol da cultura algarvia. Eu escrevia no «Diário de Notícias» uns artigos inflamados de

profundo algarviísmo e de acrisolado regionalismo, a que ele me dava sempre um entusiástico apoio. É curioso que o António embora fosse um fervoroso regionalista e um algarvio de antes quebrar que torcer, nunca foi um defensor da Regionalização. Lembro-me que 1998, quando se projetou referendar a Regionalização do país, decidi promover através da AJEA (Associação dos Jornalistas e Escritores do Algarve) um colóquio sobre a necessidade e urgência da sua aprovação em benefício do Algarve. Para o efeito convidei os Profs. Manuel Gomes Guerreiro e José Horta Correia, tendo como único orador oponente o António Rosa Mendes, que talvez por ser militante e autarca do PSD sustentou tenazmente uma posição contrária, sob o pretexto de poderem criar-se no país réplicas de João Jardim, que epitetou como “Rei da Madeira”. A regionalização, em seu entender, poderia tornar-se numa safra de reizinhos e valetes no viciado baralho da nossa política de compadrio. Infelizmente a Regionalização não passou por não convir aos partidos do eixo do poder. E o certo é que a Madeira teve um crescimento exponencial, e o Algarve é o que se vê.



Discursando em cerimónia oficial

Mas já que falei da passagem do António pelo PSD, convirá dizer que sempre me pareceu uma decisão contranatura, pois que um homem honesto e honrado como ele não deve submeter a sua integridade moral aos interesses dos partidos. Fui talvez dos poucos amigos que se manifestou em desacordo e com profundo desencanto pela sua decisão. Mas ele replicou-me, com a sabedoria que lhe era peculiar, que só com a ajuda dos partidos é que os homens competentes e honestos poderão tornar-se notados e sair da obscuridade a que a sua honradez os condena. Dei-lhe razão, mas nunca lhe segui o exemplo.

Da sua passagem pelo PSD e da sua militância política resultou a sua eleição para a presidência da Assembleia Municipal de Vila Real de Santo António entre 1985 e 1989 tendo desempenhado também as funções de presidente da Assembleia dos Municípios do Algarve, cargo que se extinguiria pouco depois. Seguiu-se em 1989 a sua eleição para a vereação de VRSA, em que se manteve até 1993. Depois disso dedicou-se ao estudo e interrompeu a carreira política.

Aproveitou o tempo livre para concluir em 1991, na Universidade Nova de Lisboa, o mestrado em História Cultural e Política. Apresentou uma dissertação intitulada *Ribeiro Sanches e o Marquês de Pombal - intelectuais e poder no absolutismo esclarecido*, que teve o aplauso do júri, pela erudição e eloquência como apresentou e



Apresentando um livro do poeta Fernando Cabrita

sustentou os seus pontos de vista. Nos domínios da História da Cultura Portuguesa o António foi sempre uma autoridade e uma referência incontornável, cujos primeiros passos foram dados precisamente com a sua dissertação de mestrado. Daí por diante seriam vários os trabalhos publicados em livro e em revistas da especialidade sobre

grandes figuras da cultura nacional, nomeadamente sobre o Padre António Vieira, em que foi uma autoridade de reputação nacional.

E em 14-01-1995 concluiu o seu curso de Direito, interrompido muitos anos antes, na Universidade de Lisboa, e inscreveu-se na Ordem dos Advogados, em 20-03-1997, pela Comarca de Olhão, com a cédula profissional 33F. Ainda fez algumas incursões no foro com relativo sucesso. Mas a sua paixão era a docência e a investigação histórica, retomando por isso os caminhos da carreira académica, dedicando-se à preparação das suas exigências profissionais. À barra dos tribunais só voltaria esporadicamente.

Quando estava a culminar o meu doutoramento soube que o António ingressara nos quadros docentes da Universidade do Algarve. Foi uma enorme alegria e um reforço de peso para a abertura de uma linha de investigação ligada à História Regional, o que até aí nunca fora possível devido à ultrapassada convicção do universalismo da ciência. Pode dizer-se que foi o António quem abriu as portas da Universidade ao estudo da história regional.



Primeiro júri de mestrado em História do Algarve (FCHS, 03.11.2011) com Luís Oliveira, Aurisia Anica, Rosa Mendes, a candidata Maria José Antunes Pedro, e António Covas

A partir de então começamos a ter uma convivência mais assídua, embora nem sempre com a regularidade que ambos desejávamos. As justificações são fáceis de obter: eu sempre pertenci aos quadros da Faculdade de Economia, desde a fundação da universidade, enquanto o António pertencia ao departamento de História incluído na Faculdade de Ciências Humana e Sociais. Estávamos em Faculdades diferentes, com horários desencontrados e objetivos científicos também muito distintos. Por outro

lado, o António continuava a viver em VRSA. Apesar disso encontrávamos na Biblioteca da Universidade e às vezes no gabinete do Prof. Horta Correia para falarmos dos assuntos mais prementes da nossa vida académica.

Em 2004 o Prof. Joaquim Romero Magalhães convidou-me para fazer parte do júri de doutoramento do António o que aceitei de bom grado e com muita honra. O tema da sua dissertação de doutoramento intitulava-se *Damião António de Lemos Faria e Castro (1715-1789). Cultura e Política no Algarve Setecentista*. Consistia no estudo da vida e obra daquele notável historiador algarvio, enquadrando toda a sua produção na época e na mentalidade envolvente. Não esqueçamos que Damião de Faria e Castro foi vítima das perseguições da Santa Inquisição que colocou no Index grande parte da sua obra historiográfica, proibindo a edição de alguns trabalhos de elevada importância para a cultura nacional. Só por curiosidade direi que os últimos livros da sua História de Portugal, projetada em vinte volumes, foram proibidos e permanecem ainda hoje inéditos. Outras das suas obras, inéditas e manuscritas, estão na Torre do Tombo e nos arquivos espanhóis, nomeadamente no de Sevilha.

A defesa das provas públicas de doutoramento foi brilhante, dignas da eloquência e do prestígio académico que o António soube conquistar ao longo da vida, dentro e fora da universidade. Na altura, achei que a dissertação era demasiado literária e com

poucos recursos arquivísticos, mas esse era um reparo muito pessoal e que tem a ver com a minha forma de encarar a investigação histórica. Compreendo perfeitamente que nos tempos que correm a História é cada vez menos ciência e cada vez mais arte, literatura e espetáculo.

A partir daí teve uma ascensão rápida e merecida, fruto do seu labor científico e da sua dedicação ao estudo da História do Algarve. Ao longo dos anos em que exerceu funções docentes, soube assegurar com proficiente abnegação a regência das cadeiras de História da Cultura, História do Algarve e Direito do Património Cultural.

Para além da docência foi nomeado para as funções de Diretor da Biblioteca da Universidade do Algarve e ultimamente coordenava o Centro de Estudos de Património e História do Algarve (CEPHA). Nesse âmbito promoveu a realização do curso de mestrado em História do Algarve, que se mantém em atividade com grande sucesso.

Importa realçar que o apogeu da vida política e da projeção pública de António Rosa Mendes ocorreu precisamente em 2005, quando foi nomeado presidente de “Faro, Capital Nacional da Cultura”.



Numa festa de alunos, Rosa Mendes faz uma alocução na sua acostumbrada ironia e boa disposição

Desejando promover e divulgar os novos autores algarvios, mas também para abrir um novo espaço editorial aos consagrados literatos regionais, o António fundou e dirigiu a editora «Gente Singular», uma forma de homenagear também o maior escritor algarvio de todos os tempos, Manuel Teixeira Gomes, de cuja obra era aliás um indefetível admirador.

Em 2011, o António deixou-se cair, mais uma vez, nas malhas da política para ser o mandatário distrital da candidatura do PSD às eleições legislativas. O partido ganhou as eleições, mas não soube recompensar aquele que mais uma vez deu a cara para oferecer credibilidade aos que a não tinham e muito menos a mereciam.

Para concluir, resta dizer que António Manuel Nunes Rosa Mendes, de seu nome completo, nasceu em Vila Nova de Cacela, concelho de Vila Real de Santo António, no Algarve, a 21 de Maio de 1954 e faleceu ao final da tarde do dia 4 de Junho de 2013, no Hospital de Faro, onde esteve internado cerca de mês e meio, lutando contra uma pneumonia dupla que, por fim, o vitimou. A Universidade do Algarve, reconhecendo a trágica perda de um dos seus docentes mais ilustres, decretou três dias de luto oficial a partir da data de



Na deposição da urna todos os presentes despediram-se do António Rosa Mendes com uma derradeira salva de palmas

falecimento. O funeral realizou-se no dia 6 de Junho, no cemitério de Vila Nova de Cacela, tendo sido acompanhado por centenas de pessoas. Desde o enterro de Mestre Manuel Cabanas que não se via naquela aldeia tamanho préstito fúnebre. Nele estiveram presentes várias figuras públicas da política, autoridades locais e regionais, gente ilustre das artes e das letras, professores de todos os ramos de ensino, antigos alunos, amigos íntimos, familiares e muito povo anónimo da sua aldeia natal que assim prestou derradeira homenagem a uma das mais insignes figuras da atual aldeia, e histórica sede de concelho, de Vila Nova de Cacela.



Rosa Mendes com o presidente da CM de Alcoutim, num dos últimos atos públicos em que participou

Calou-se para sempre a voz da eloquência algarvia, o verbo da mediação cívica e da desinteressada ação política, que tudo fez para engrandecer a sua pátria natal. Foi um cidadão exemplar, humilde e desprovido de vaidades, que soube granjear o respeito dos seus conterrâneos e admiração pelos seus colegas e alunos. Acima de tudo foi um homem íntegro, desprendido de interesses, com um forte carácter e de princípios éticos que serviram de exemplo a todos os que o conheceram ou com ele conviveram. Como humanista e homem de cultura, deixou uma vincada imagem de erudição, atestada na vasta obra legada em livro, mas também nas conferências que pronunciou e nos congressos e colóquios, nacionais e internacionais, em que participou. Deixou-nos na memória a recordação do académico

competente e do historiador proficiente, do jurista ímpoluto e do editor mecenas. Mas também guardamos dele o acrisolado amor regionalista e a convicção algarvísta que a todos compete imitar.

Publicou vasta obra de investigação historiográfica e de divulgação cultural do Algarve, cujo elenco passo a enunciar:

A Fundação de Vila Real de St. António vista por um estrangeiro, 1984.

Ribeiro Sanches e o Marquês de Pombal - intelectuais e poder no absolutismo esclarecido, 1998.

«A vida cultural» in *História de Portugal*, dir. de José Mattoso, vol. III, 1993, p. 375-383.
1755 Terramoto no Algarve, 2005;

Espírito e poder - Tavira nos tempos da modernidade, 2006; CITAR ARTIGO

Escritor algarvio do século XVIII em Ayamonte: Damião António de Lemos Faria e Castro, Separata das XI Jornadas de História de Ayamonte, 2007, p. 79-86.

Manuscrito de João da Rosa - 1808-2008, 2008.

Olhão fez-se a si próprio, 2009;

«Brito Camacho e o Algarve», in *Viajantes, Escritores e Poetas: Retratos do Algarve*, 2009.

Vila Real de Santo António e o Urbanismo Iluminista, coord. Catálogo da exposição, 2010.

Algarve 100 anos de República, 100 personalidades 1910-2010 (em parceria com Neto Gomes), 2010.

Alcoutim - Terra de Fronteira, 2010.

Faro - roteiros republicanos, 2010.

Castro Marim, baluarte defensivo do Algarve, 2010.

Olhão nos primeiros dias da República, 2010.

A Peregrinação e a peregrinação de Fernão Mendes Pinto, 2011.

«Um bispo reformador, D. Inácio de Santa Teresa, 1741-1751», in *Anais do Município de Faro*, 2012, p. 27-37.

O Que é Património Cultural, 2012.

Manuel Veneno, in *Al gharb*. nº 00, p. 11-13.

Termino com o poema que o António Rosa Mendes mais gostava de mencionar nos seus discursos de apaixonada divulgação regionalista. Pertence a sua autoria ao juiz e grande poeta algarvio António Maria Pereira, que em vida publicou um único livro de versos, intitulado *Mar*, no qual se inclui, logo a abrir, este brilhante poema:

«A minha rua tem o mar ao fundo»

Sou algarvio

E a minha rua tem o mar ao fundo

Sempre que passa aqui algum navio

Passam, aqui, navios de todo o mundo

Oiço a voz que me namora

Da outra banda do mar...

Que me namora e me chama

Da outra banda do mundo

E se eu abalasse mãe?

E se eu abalasse e nunca mais voltasse?

Choravas, sim, eu sei bem

Posso não ser filho às vezes

Mas tu és mãe, sempre, mãe!

Se não fosse a minha mãe,

Se não fossem os meus,

Adeus aldeia, adeus praia,

Adeus gaivotas, adeus.

E eu vou ficando, não chores

Aqui, nesta aldeia do Algarve onde nasci,

Nesta rua que tem o mar ao fundo,

Onde nasceram meus pais,

E nasceram e morreram antepassados que não conheci;

Aqui há um poder maior

Que pode mais que aquela voz que me chama da outra banda do mar,

Que me namora uma chama da outra banda do mundo.

(António Maria Pereira)